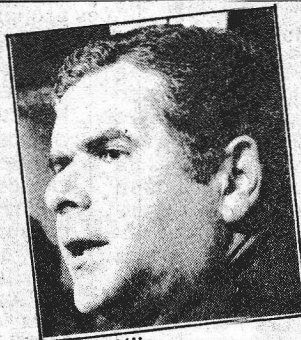


STP
OM2
-102

-MAJ
S TO
STW
obs
S ET

1022
STG
S 01
ABET



Luís Eulálio



Abram Szajman

Indústria e comércio garantem: nada vai faltar, nas lojas e nos supermercados.

Indústria e comércio, um casamento feliz neste final de ano. É o que prometem os presidentes da Federação do Comércio, Abram Szajman, e da Federação das Indústrias, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho. E o resultado do matrimônio será este: não faltarão produtos nas prateleiras das lojas, nem dos supermercados. Ou seja, segundo garantiu Vidigal, a indústria já reativou sua produção o suficiente para acompanhar o crescimento das vendas no comércio, verificadas em setembro e outubro — cujo desempenho, adiantou Szajman, deverá passar a casa dos 6,9% em outubro contra setembro (ou 18,9% contra outubro de 1983).

O presidente da Federação do Comércio, fez uma avaliação do panorama econômico que levou — como constatou Luís Eulálio — a uma certa escassez de produtos, em especial eletrodomésticos e tecidos, entre setembro e outubro passado. Lembrou Szajman que, depois de quatro anos de recessão, a indústria já estava acomodada num patamar, aproximado, de 65% da sua produção (cerca de 35% de capacidade ociosa, dado que bate com os da Fiesp).

Segundo Abram Szajman, as exportações e o desempenho da agricultura garantiram a produção nesse patamar. Mas no segundo semestre, ressaltou, a devolução do Imposto de Renda, do PIS-Pasep, os novos acordos salariais com INPC integral, antecipações salariais, ganho real e trimestralidade; o bônus do BNH e, principalmente, o fator psicológico gerado por uma certa estabilidade no emprego, re lançou o consumidor às compras pretendidas — “e reprimidas por um longo tempo” — frisou Szajman.

Compras antecipadas

Além disso, o presidente da Federação do Comércio acrescenta outros fatores que estimularam o consumo (e continuarão estimulando) no último quadrimestre deste ano: a antecipação da parcela do 13º salário e um “certo medo” da inflação, “que acaba antecipando compras”. Finalmente, arrematou o empresário do comércio, “a própria reposição de bens duráveis, que vinha sendo retardada muito tempo, acabou efetivando-se”.

Luís Eulálio Vidigal, por sua vez, acrescentou que, se essa movimentação resultou numa ligeira falta de produtos no mercado, ampliada pelos baixos estoques — tanto do comércio como da indústria —, isto aconteceu porque a indústria ainda não havia identificado se o crescimento do comércio era temporário ou tinha realmente substância. “Mas assim que isso foi constatado — afirmou o presidente da Fiesp —, já começou a haver um crescimento da produção industrial, de forma que não faltarão produtos nem nas lojas, nem nos supermercados.”

E o presidente da Federação do Comércio tem a mesma certeza “porque acho que a indústria já notou que o perfil do mercado interno está sofrendo alterações”. Ele também não acredita que o final do ano signifique uma elevação dos preços nas lojas, “porque isso descapitalizaria, ainda mais, o pequeno e o micro empresário que têm maiores dificuldades na reposição de seus estoques”.

Há ainda um detalhe dessa reativação, salientada pelos dois presidentes: tanto Abram Szajman como Luís Eulálio reconhecem que a “ordem” é trabalhar com estoques baixos, porque grandes estoques

representam alto custo financeiro. Szajman está certo de que os estoques terão de ser repostos em janeiro-fevereiro de 1985, “pois acredito que o crescimento nas vendas deverá continuar em novembro e dezembro, deixando os estoques praticamente vazios”.

— É claro que a política de estoques baixos não é apenas do comércio, mas também da indústria — salienta Vidigal — uma vez que os custos financeiros são iguais para todos.

Estoques baixos

Pelo menos a curto prazo, ninguém pensa em trabalhar com estoques verificados há dois ou três anos passados. “Todos nós — falou Luís Eulálio — nos acostumamos com essa mudança, preferindo menor quantidade à eficiência.” Mas ambos asseguram que a reposição dos estoques influenciará no nível de atividade da indústria. Só para dar uma idéia geral, Szajman antecipou alguns setores — que estão sendo tabulados na pesquisa para outubro — que estão mantendo um ritmo de crescimento: concessionárias de veículos, lojas de departamentos, utilidades domésticas, autopeças e acessórios, supermercados e farmácias e perfumaria.

Em relação ao setor têxtil, Abram Szajman frisou que houve uma certa aceleração nos prazos de entrega, nos últimos meses, porque nas exportações dos produtos existem cotas para os EUA e CEE (Comunidade Econômica Européia), onde o crédito-prêmio está sendo eliminado gradativamente, segundo normas do Gatt. Além disso, as expectativas dos dois empresários são favoráveis, também para 1985.

Sérgio Leopoldo Rodrigues